

A REVOLTA DE FAUSTO CARDOSO

No início da República dois nomes tiveram grande destaque na política sergipana: Monsenhor Olímpio Campos¹ (do grupo Cabaú) e Fausto Cardoso² (Peba). O primeiro, velho político do Império, ligado aos produtores de açúcar, foi deputado provincial, e na República, foi eleito presidente do Estado (Governador) e senador. Fausto Cardoso, participante da propaganda republicana, era advogado, poeta e jornalista. Na República, exerceu dois mandatos de deputado federal, sendo apoiado pelos setores médios urbanos e proprietários rurais adversários de Olímpio Campos.

A partir de 1904 o deputado Fausto Cardoso, junto a outros políticos sergipanos, passou a fazer oposição radical ao poderoso padre Olímpio Campos e a seu grupo. Em 1906, a rivalidade entre os “Olimpistas” e os “Faustistas” ficou mais forte. Ao chegar em Aracaju vindo do Rio de Janeiro, Fausto Cardoso foi recepcionado com grande festa popular, além de ter sido muito elogiado pelos jornais e políticos da oposição. No dia 28 de agosto de 1906, os “Faustistas” conseguiram revoltar a Força Pública (atual Polícia Militar) que atacou o Palácio do Governo, obrigando o presidente Guilherme de Campos³ (irmão de Olímpio Campos) a renunciar. Assim, os “Faustistas” tomaram o poder colocando no governo o desembargador João Loureiro, enquanto no interior eram derrubados os intendentes (prefeitos) ligados ao “Olimpismo”.

O presidente da República Rodrigues Alves ordenou ao Exército que acabasse com o movimento revoltoso, e garantisse a volta de Guilherme de Campos ao governo. Rapidamente, tropas do Exército comandadas pelo general Firmino Rego, chegaram a Aracaju e prenderam vários partidários de Fausto Cardoso. Os “Faustistas” tentaram resistir ocupando o Palácio. O deputado Fausto Cardoso morreu na luta. Após este episódio, o presidente Guilherme de Campos reassumiu o poder. Em 09 de novembro de 1906, os filhos de Fausto Cardoso (Humberto e Armando) assassinaram o senador Olímpio Campos no Rio de Janeiro (na Praça XV).

Olimpistas e Faustistas continuaram inimigos ferozes na política sergipana e cada grupo esforçou-se para homenagear o seu líder assassinado. Por isso, encontramos em todo o Estado, ruas, escolas, praças, monumentos e prédios com os seus nomes.

¹ **Monsenhor Olímpio de Souza Campos** – nascido (16.07.1853) em Itabaianinha/SE, jornalista, sacerdote e professor. Foi deputado estadual e federal, senador e presidente de Sergipe. Morreu em 09.11.1906, na Praça XV, no Rio de Janeiro.

² **Fausto de Aguiar Cardoso** – nascido (22.12.1864) em Divina Pastora/SE, bacharel em Direito. Foi promotor público, poeta, filósofo e jornalista. Colaborou para jornais do Rio de Janeiro, como ‘O Dia’ e ‘A Imprensa’. Foi assassinado numa revolta acontecida na capital, em 28 de agosto de 1906, na Praça que tem o seu nome.

³ **Guilherme de Souza Campos (irmão de Olímpio Campos)** – nascido em Itabaianinha/SE, juiz de direito no Maranhão, chefe de Polícia no Espírito Santo, deputado estadual e federal, desembargador e presidente do Estado de Sergipe.

A REPÚBLICA EM SERGIPE:

A proclamação de República em 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro, deixou surpresos todos os sergipanos, inclusive, os de ideologia republicana. Em Laranjeiras, o Clube Republicano comemorou a vitória com uma passeata, mas em Aracaju tudo era confusão; ninguém sabia o que estava acontecendo.

Com a confirmação da proclamação, os republicanos de Sergipe se organizaram para tomar o poder, buscando o apoio de políticos, jornalistas e militares do exército e da polícia. Uma junta governativa republicana formada por Siqueira de Menezes, Baltazar Gois e Vicente Oliveira tomou posse oficializando a República em Sergipe.

A divisão do espaço político em Sergipe, após a proclamação da república é o segundo ato de um confronto ideológico que começou no Recife, quando Olímpio Campos viu de perto o embate filosófico entre sergipanos e outros nordestinos que cursavam direito na faculdade da capital pernambucana. Com a república a adesão dos políticos, como o próprio padre, causou embaraço e desconforto a “republicanos históricos” (aspas do autor), preteridos, como Fausto Cardoso, para que brilhassem as estrelas dos **adesistas**.

De um lado o general Oliveira Valadão, espécie de representante do florianismo em Sergipe, e que contava com o apoio de Martinho Garcez, Silvio Romero e Fausto Cardoso, do outro lado o grupo liderado por Coelho e Campos, contando com o general José Calazans, e apoiado por Olímpio de Souza Campos.

A nomeação do padre Olímpio Campos para intendente (prefeito) de Aracaju, pelo presidente do Estado Felisbello Freire causou feridas que jamais cicatrizariam. Fausto Cardoso, sentindo-se traído, foi embora para o Rio de Janeiro e só voltou em 1906, para liderar o movimento revolucionário. Duas assembleias são eleitas, uma em Aracaju e outra em Rosário. O general Calazans chega ao governo, após a promulgação da constituição do Estado, em 18 de maio de 1892, tendo Olímpio Campos como presidente do poder constituinte. Silvio Romero, aproveitando-se de estar em Sergipe para o enterro do pai - André Romero - , em Lagarto, parte para derrubar o presidente Calazans. O general Oliveira Valadão no governo promove um expurgo no tribunal da relação, “a bem da ordem e dos interesses da justiça” aposentou três desembargadores, entre eles Guilherme de Souza Campos, irmão de Olímpio Campos, juntamente com seus colegas Francisco Alves de Oliveira Brito e José Sotero Vieira de Melo.

Um acordo entre Martinho Garcez e Olímpio Campos satisfaz, em parte, os interesses dos dois grupos. Tanto Silvio Romero como Fausto Cardoso são eleitos deputados federais, Martinho Garcez vai para o senado, onde encontra Coelho e Campos e encontrará o próprio Olímpio Campos, três anos mais tarde. Outros conchavos permitiram a troca de lado de diversos políticos dos dois blocos hegemônicos. Valadão apoiou Guilherme Campos, enquanto Coelho e Campos compôs com Fausto Cardoso uma chapa surpreendente. (BARRETO, 2006, p. 16)

Os acordos políticos, no entanto, não pacificaram os ânimos exaltados, Silvio Romero continuou um crítico ferrenho de Olímpio Campos, seguido por Gumerindo Bessa, e por Fausto Cardoso, que na Câmara Federal reproduz os artigos virulentos de Bessa, a respeito do terreno da Tebaída, que o Estado, na gestão de Olímpio Campos comprou para ajudar aos padres salesianos na instalação de uma escola agrícola, e que pertenceria ao próprio padre presidente. A troca de insultos continuou; desembocando no movimento popular, que contou com a liderança de Fausto Cardoso e forçou a renúncia do presidente Guilherme de Souza campos e do vice Pelino Nobre, perante o capitão dos portos Amintas José Jorge, que leva o desembargador Loureiro Tavares ao exercício temporário do Governo, em 10 de agosto de 1906 (BARRETO apud DUARTE, 2006, p. 17).

PEBAS X CABAÚS:

O primeiro presidente (Governador) eleito de Sergipe foi o velho político do Império José Calazans, no ano de 1894. Mas, os republicanos antigos derrubaram-no do poder, substituindo-o por João Vieira Leite. Calazans e seu grupo fugiram para Rosário, de onde o político tentou resistir aos que o tiraram do poder. Os dois grupos políticos ficaram conhecidos popularmente por apelidos: “Peba” (que significa tatus), republicanos antigos que tomaram o poder “nas areias” do Aracaju; e os “Cabaú” (melaço da cana-de-açúcar), ex-monarquistas que fugiram para a vila de Rosário na região açucareira do estado.

Em 21 de novembro de 1889 o presidente da República Deodoro da Fonseca, nomeou Felisbello Freire o primeiro governador de Sergipe na República. Ele era o nome de maior destaque da propaganda republicana de Sergipe. Logo, quando os republicanos tomaram o poder, os velhos políticos do Império foram se aproximando dos novos governantes, alguns deles até mesmo fazendo parte do Partido Republicano de Sergipe. O Partido Republicano de Sergipe teve vida curta, pois, com as primeiras eleições do período republicano os grupos políticos formaram novas facções. Dentro desse partido existiram três grupos diferentes:

- Os Republicanos Antigos – Representantes dos setores sociais médios urbanos;
- Os Republicanos Novos – Os velhos políticos do Império que aceitaram a República;
- Os Militares – Prestigiados Por terem proclamado a República em 15 de novembro de 1889. (ANJOS, Vinícius, 2006)

Breve histórico:

No início da República dois nomes tiveram grande destaque na política sergipana: Olímpio Campos – político mais poderoso de Sergipe. Chefe do partido apelidado por Cabáu (melaço de cana de açúcar), representava principalmente os interesses dos senhores de engenho e dos usineiros. Fausto Cardoso - do Partido apelidado por Peba (tatus), formado por funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais e alguns proprietários rurais. A relação entre os partidos políticos era muito violenta. As eleições eram disputadas não apenas com votos, mas, com agressões e trapaças.

Em 1906 o partido Peba de Fausto Cardoso quis tomar o poder pela força, já que não conseguia vencer as eleições. O motivo é que o partido Cabaú de Olímpio Campos estava no poder por vários anos. Insatisfeitos com essa situação, os partidários/seguidores de Fausto Cardoso se revoltaram e armados cercou o palácio e depôs o governo. (Quem era o governo? O irmão de Olímpio Campos - Guilherme Campos -).

Essa revolta se espalhou para outros municípios como Laranjeiras, Riachuelo, Maruim, Dina Pastora, Itaporanga e Propriá. O deputado federal Fausto Cardoso, que foi eleito pelo partido Peba que fazia oposição a Olímpio Campos, era um homem influente e famoso no Rio de Janeiro (capital do Brasil à época), liderou a revolta. Então, o presidente da República Rodrigues Alves ordenou ao Exército que acabasse com o movimento revoltoso, e garantisse a volta de Guilherme de Campos ao governo. Rapidamente, tropas do Exército comandadas pelo general Firmino Rego, chegaram a Aracaju e prenderam vários partidários de Fausto Cardoso.

Os “Faustistas” tentaram resistir ocupando o Palácio, e nessa luta o deputado Fausto Cardoso terminou sendo assassinado por soldados do Exército na praça que hoje leva o seu nome, em Aracaju, em 28 de agosto de 1906. Após este episódio, o presidente Guilherme de Campos reassumiu o poder. Mas, no dia 09 de novembro de 1906 os filhos de Fausto Cardoso (Humberto e Armando) assassinaram o senador Olímpio Campos no Rio de Janeiro (na Praça XV), tido como responsável pela morte do deputado. Olimpistas e Faustistas continuaram inimigos ferozes na política sergipana e cada grupo esforçou-se para homenagear o seu líder assassinado. Por isso, encontramos em todo o Estado, ruas, escolas, praças, monumentos e prédios com os seus nomes.

No dia 28 de agosto de 1906, há mais de um século, a Praça do Palácio, também conhecida como Praça da República, servia de cenário a um confronto ideológico e político, que tingiu de sangue as páginas da história. Caiu morto, atingido por uma bala de fuzil, o advogado, deputado federal, poeta, e pensador Fausto Cardoso. Pouco antes, ferido, cambaleante entre o Palácio e a Rua de Pacatuba, sentiu sede, pediu água, e deixou um testamento inesquecível de luta: “Bebo a alma de Sergipe. Morro, mas a vitória é nossa, sergipanos”! O homem que tombava em defesa de suas idéias não era um novato no enfrentamento com adversários poderosos, tinha a vida marcada pela renovação intelectual, jurídica e política do Brasil.

O TEMPO DAS ROSAS VERMELHAS

A multidão espalhada pela praça fronteira ao Palácio emudeceu com os fuzis. Aquela expectativa silenciosa que transportava o tumulto em repentina calma, era a quietude antecedendo a tragédia.

Ouve-se um tiro e um homem cai. Desmorona, refluí a figura do gigante que assomou dominadora sobre toda a praça, e agora, agoniza, o sangue gorgoleja na boca que ainda tenta, num assomo final, deixar no ar o brado definitivo, a condenação derradeira. Naquele 24 de agosto de 1906, acabava a revolta e morria Fausto Cardoso, o seu líder.

A praça que era um largo espaço onde pastavam bichos, viveu o seu primeiro grito, e mergulhou, logo depois, no grande e longo silêncio de opressão. Da praça o silêncio espalhou-se pela cidade pequenina. Era uma mudez de medo. Restaurado no poder, Guilherme Campos, o presidente deposto pela revolta, não teve a mesma atitude respeitosa que os revolucionários quando controlavam Aracaju e uma parte do interior sergipano. Os Faustistas são implacavelmente perseguidos. Ninguém ousava protestar, mas umas poucas pessoas começaram a usar no peito uma rosa vermelha. Aquela rosa era uma revelação do sentimento revolucionário Faustistas, também um ousado desafio ao governo intolerante.

Uma jovem, Etodeia Simões dos Reis, era mais atrevida, ficava a passear ostentando a rosa em frente ao palácio, no próprio local onde Fausto tombara assassinado. Um desses sabujos que sempre habitam todos os palácios, a insulta: “Eu não sabia que Fausto Cardoso deixou duas viúvas”. E a jovem sem se perturbar o repele: “Eu não sou viúva de Fausto, sou viúva da liberdade que em Sergipe morreu com ele”.

Rompeu-se por um instante o opressivo silêncio do medo. O sacrifício de Fausto fez nascer o que se tornaria naquele local da cidade uma tradição libertária. O terreno descampado transformou-se depois numa praça. Em torno dela ficaram edificadas os palácios sedes dos poderes. O judiciário foi o último a chegar, isso em tempos bem mais recentes.

Fausto em 1912 recebeu a grande homenagem. A praça onde tombou levou o seu nome. Num pedestal colocado bem alto a estátua do tribuno. Atrás, numa mesma linha a uns trezentos metros, focou uma outra estátua, a do senhor monsenhor Olímpio Campos, bem no centro do largo da Catedral. Monsenhor Olímpio é irmão de Guilherme o governante deposto pela revolta de Fausto. O monsenhor e senador e senador da República foi morto no Rio de Janeiro pelos filhos de Fausto Cardoso. Eles, como grande parte do povo sergipano, atribuíam aos dois irmãos poderosos, a culpa pelo assassinato do pai.

Há um simbolismo naquelas praças, naquelas duas estátuas de antagonistas que se enfrentaram e fizeram a história. A altura dos pedestais é idêntica, mas Fausto está

bem mais à frente. Do alto ele divisa o horizonte, vê o sol aparecendo sobre os coqueirais da Barra. Braços abertos, rosto altaneiro, parece festejar um permanente encontro com os dias que nascem. Gregos e romanos erigiam colunas para assinalar vitórias. Sobre elas colocavam seus heróis. O pedestal de Fausto é uma coluna, e nela foi cravada a inscrição: “A liberdade só se constrói na História com o cimento do tempo e o sangue dos homens”. Em torno do seu pedestal alguém plantou rosas vermelhas.

Olímpio Campos, envolvido na sua sotaina, parece excessivamente austero, ou até mesmo raivoso. É uma estátua pesada, soturna, representa na pedra e no bronze, aquela amalgama do sentimento conservador, passadista, com a dominação oligárquica e a fé inquisitorial. Em 1916, quando foi feita a estátua de Olímpio, um jornal Faustista depreciava: “Para Fausto um pedestal, para Olímpio uma pedanha”. (COSTA, Eduardo; Folha da Praia; março de 2005).

O homem era impetuoso; franzino, naquele corpo de tísico, bradava alto, forte, desafiador: “Atirem covardes, exército de bandidos, sicários da opressão. Matem um homem desarmado. ” Diante dele um Batalhão do Exército Brasileiro engatilhava armas. Ouve-se uma voz de comando: Atirem. Mas os fuzis permaneceram mudos.

Em Sergipe, depois da primeira década tumultuada, o acordo do presidente Martinho Garcez com o monsenhor Olímpio Campos, um político remanescente do quadro monarquista que sabia perseguir com determinação seus objetivos, viabilizou seu domínio. A partir de então a política de Sergipe viveria um período de estabilidade. Mas, o forte predomínio de um grupo oligárquico não deixou de gerar reações crescentes.

No governo, monsenhor Olímpio de Souza Campos administrou o Estado de 1889 a 1902 com energia e algum empenho para a melhoria das condições de vida na capital e no interior. Promoveu aterros em praças e começou o calçamento das ruas. Restaurou alguns prédios públicos, inclusive a Escola Normal, que voltou a funcionar, e, empenhou-se de criar o Banco de Sergipe. Sem consumir seu intento, reformou o ensino e instituiu a vacinação nas escolas. Cuidou de reforçar o montepio de funcionários e organizou a administração dos hospitais de caridade. No interior tratou da abertura de canais no Rio Japaratuba e investiu em açudes em Aquidabã e em Itabaiana.

Articulado com o presidente Campo Sales e com lideranças no Congresso, em plena vigência da política dos governadores, controlando internamente o quadro partidário, Olympio campos, ao fim do seu governo, pôde indicar para sua sucessão seu secretário geral. Tal opção contrariou fortes correligionários como Coelho e Campos e Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel, que criaram o jornal O Momento; estabeleceram dissidência, recorreram a instâncias federais e tentaram formar outra assembléia para formar sua chapa. Mas, Olympio Campos fortalecido por uma estrutura coronelista que articulava-se circunspectamente o nacional com o local, chefiando o Partido Republicano de Sergipe derrotou-os irremediavelmente.

Os esforços para a propagação da vacina anti-varíola reapareceram durante o governo Olympio Campos, concentrando-se no controle dos alunos matriculados na rede escolar. O Dr. Josino Menezes, secretário geral dos negócios do Estado, dirigiu em 02 de

fevereiro de 1900, um ofício ao diretor do ensino primário recomendando que se providenciasse a exigência do “atestado de vacina”, durante a matrícula das crianças, conforme o previsto no item 2º, do artigo 31, do regimento da Instrução Pública. Os professores teriam 60 dias para cumprir essa determinação.

Durante o Governo Josino Menezes (1902-1905), a preocupação com a difusão da vacina anti-varíola voltou a ganhar força. O Dr. Theodoretto Nascimento estabeleceu um rigoroso plano de aumento de cobertura da vacina; levando a vacinação às escolas, fábricas, quartéis, pensões, etc. Implantou a vacinação domiciliar, bastando para isso que a família possuísse mais de 6 pessoas e desejasse receber a visita do serviço de higiene. Determinou através de circular, que todos os Delegados de Higiene dos municípios colocassem a vacinação como a principal prioridade da saúde pública. Disseminou a vacina pelas farmácias e procurou garantir a qualidade da linfa vacênica distribuída. (SANTANA, 2001, p. 144)

Ainda neste Governo, Sergipe passara pela voraz experiência da peste; a terrível peste bubônica, a peste de caroço, o mal levantino, mal da índia, ou simplesmente bubônica, começava fazer suas vítimas no Estado. A população entrara em pânico. Com os indícios do mal, diante dos sintomas das primeiras vítimas, o inspetor de higiene convocou todos os médicos que atuavam em Aracaju para uma conferência, para decidirem as diretrizes para sanar o problema. Em setembro de 1903, a Inspetoria de Higiene, recebeu do Instituto Soroterápico Federal as primeiras doses da vacina antipestosas e começou os trabalhos de vacinação. (SANTANA; Op. Cit. p. 145)

*Houve também uma importante intervenção de saúde pública em ruas, casas e espaços coletivos. O mercado foi evacuado e o “Beco do Açúcar” interditado. Os saveiros e embarcações que faziam o transporte regular para Laranjeiras, Maruim, Japarutuba e Riachuelo eram diariamente imersos e desinfetados. Todas as residências nas quais ocorrera casos ou suspeita da peste, passavam por uma rigorosa desinfecção: lavagem do prédio, sublimação de creolina, caiamento, eliminação dos buracos de ratos e vedação dos rodapés das paredes com cimento.

O crescimento populacional não se fez acompanhar de uma melhoria das condições de vida oferecidas pela cidade. Em 1906, ao receber a visita de Afonso Pena, presidente eleito, Aracaju não tinha iluminação pública e era completamente carente de serviços de saneamento. Não havia água encanada e as pouquíssimas ruas calçadas não escondiam os problemas de uma cidade escondida sobre mangues, abundando os pântanos. (SOUZA; apud SANTANA, idem, p. 147)

Josino Menezes, era um farmacêutico que fora ativista do movimento republicano. Como auxiliar do governo de Olympio Campos, conhecia a burocracia e sabia como relacionar-se com os adversários e correligionários. Leal aos propósitos Olimpistas deu continuidade às obras iniciadas pelo monsenhor e inovou algumas ações. Prosseguiu

com o saneamento e conseguiu implantar o Banco de Sergipe em 1905, passando a funcionar regularmente. Com firmeza, resolvera às questões limítrofes entre os Estados de Sergipe e Bahia, uma querela antiga entre sergipanos e baianos fronteiriços, principalmente dos grandes proprietários de terra, e, realizou estudos proveitosos visando a construção de estradas de ferro para melhor escoamento da produção do Estado com outras praças, ligando Timbó a Propriá, passando por Aracaju. (DANTAS 2004, p. 31).

Ao final do seu governo (1902-1905), Josino Menezes, ainda sempre fiel ao seu cacique político devolveu o favor de que fora investido passando agora a bola para seu correligionário, o desembargador Guilherme de Souza Campos, irmão do monsenhor Olympio Campos, e, elegia seus aliados para a Câmara dos Deputados e, confortavelmente, ia para o Senado.

A indicação de Guilherme Campos e a eleição de seus correligionários indicavam a proeminência dos Olimpistas, exacerbando assim, a indignação de seus opositores. Foi quando, forjada nessa maré de insatisfações a chapa oposicionista que tinha Coelho e Campos para o Senado e Fausto de Aguiar Cardoso para deputado federal, foram vitoriosos no início de 1906. Então, o movimento oposicionista crescera significativamente, contagiando as pessoas e, conquistando assim muitos adeptos, dispostos a pôr um fim no domínio olimpista.

Os jornais oposicionistas, sobretudo o Jornal de Sergipe, puseram em prática o discurso anti-oligárquico, numa campanha sistemática contra os Olimpistas, persuadindo muitos sergipanos para esse mesmo fim. Da capital, Fausto Cardoso no exercício do seu mandato, sentia o momento oportuno para uma virada nos destinos da política sergipana, motivado por essa atmosfera alvissareira, Fausto volta a Sergipe e, é ovacionado pelos populares que o esperam com muita euforia, e, sem perderem tempo, colocam em prática seus propósitos e fundam o Partido Progressista. Que congregava os adversários do Olimpismo, e, logo, depuseram o presidente do Estado e o vice em 10/08/1906.

A partir daí, no primeiro momento, sem os excessos que estamos acostumados a ver nessas deposições, com muita sobriedade, tentar-se-ia imprimir um novo Governo sob os parâmetros da legalidade, e, para isto, conseguiram a formalização da renúncia dos governantes depostos. Porém, as divergências entre os revoltosos foram-se exteriorizando e, tiveram dificuldades em encontrar um nome de consenso que harmonizasse todos os segmentos que entre estes estavam envoltos. Para findar o impasse, tomara posse o desembargador Loureiro Tavares como um governo de transição. Então, o movimento fora tomando corpo e espraiando-se pelo interior do Estado (o que era inevitável, pois, como eles iriam garantir a legitimidade do seu governo sem o domínio absoluto do Estado?), e, com isto, o nome de Fausto Cardoso fora ganhando dimensão inimagináveis até mesmo para os que junto com este, estavam desde o início da sublevação. E assim, com o status de grande ídolo, como timoneiro fiel das querelas populares, Fausto e seus prosélitos foram afirmando-se em vários municípios e assumindo o controle destes.

*Ver Antônio SAMARONE, As Febres do Aracaju dos Miasmas aos micróbios 2001.

Como autênticos revolucionários, formaram Batalhões populares, imprimiram a prática de arrecadação de donativos entre a população com o fito de proverem-se e aumentarem suas tropas e armamentos para prepararem-se pro embate crucial e inevitável ante as tropas federais que não tardariam a chegar, pois, Guilherme de Souza Campos e seu irmão monsenhor Olympio Campos se refugiaram na Capitania dos Portos para pedirem socorro ao governo federal, que, não tardara em atendê-los, ordenando às tropas da Bahia que intervisse e retomasse o controle do Estado reempossando em seus respectivos cargos o presidente e seu vice destituídos pelos revoltosos. Então com o apoio da câmara federal assim fizera as tropas baianas, e, com isto, o exército da legião libertadora que chegara a juntar mais de 1.200 componentes em Divina Pastora, instantaneamente dissolvera-se, com a chegada das tropas federais e, viram assim, o sonho de um Sergipe longe das oligarquias evolarem-se. (DANTAS; 2004, p. 33)

A alma humana, dizia Fausto Cardoso, “tem alguma coisa das superfícies químicas que se precisam submeter a atrito, para se explodir e se fazerem chama. Precisa ser triturada para se fazer força e luz! ” E, a liberdade concedida por meios artificiais, teorias abstratas, além de degenerar em licença e poder ser abolida por quem quer que tenha o poder, acarreta fatalmente ao abatimento da vontade pela razão simples de que todo órgão que não se exercita regularmente se atrofia, pára, morre... Então, é com essa inteireza de pensamento circunspecto e muitíssimo afinado com a sociologia e pensamentos que vigiam em seu contexto, e, mais que tudo com o evolucionismo Darwinista, que, o íntegro poeta convoca os povos a não aceitarem em hipótese alguma os grilhões de quem quer que seja e profere o discurso que ficara conhecido como Lei e arbítrio:

A liberdade só se prepara na História com o sangue dos povos, o esforço dos homens, o cimento dos tempos. E se ela não é o preço de uma vitória, não é liberdade: será tolerância, favor, concessão, que podem ser cassados, sem resistência; por quem quer que se revista do poder. Não gera caracteres nem cria personalidade. Enerva, dissolve, abate, humilha, corrompe e transforma em míseras sombras (BARRETO, idem, p. 152).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Antologia de Fausto Cardoso; Barreto, Antônio, Luiz; Secretaria de Estado da Cultura; 2006.

História de Sergipe para vestibulares e outros concursos / Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Marcos Vinícius Melo dos Anjos. Aracaju: Info Graphic's Gráfica & Editora, 5ª Reimpressão, 2006. p. 34-37.

História dos Municípios / Cinform municípios. Aracaju: Edição histórica, 2002, p. 73, 107. COSTA, Eduardo; Folha da Praia; março de 2005.

DANTAS; Ibarê; História de Sergipe República (1889-2000); Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

SANTANA, Antônio Samarone de; As Febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios; Aracaju; o autor; 2001.